

6. CONCLUSÃO

Após a leitura e análise dos capítulos anteriores, é possível chegar a algumas conclusões no que diz respeito ao caso das minorias cristãs no Irã e na China. Utilizando os estudos da Escola de Copenhague como ferramenta para auxílio nesta análise, foi possível identificar que os dois países foram construindo o Ocidente como uma ameaça ao longo dos anos, a partir de suas próprias experiências individuais. China e Irã possuem históricos diferentes, e um ponto em comum: lutam contra a intervenção ocidental dentro de seu território durante alguns anos.

Como visto anteriormente, os estudos de segurança produzidos pela Escola de Copenhague nos mostram que a ameaça não é um conceito fixo, como nas correntes tradicionais. Ela é mutável. Isso significa que algo pode se tornar uma ameaça, ou uma ameaça pode deixar de sê-la. Sendo assim, a ameaça pode ser construída ao longo do tempo, ela não surge simplesmente, nem é estática. Ela é passível de sofrer mutações, e vive em constante mudança. Esses estudos nos permitem interpretar e analisar as mudanças e continuidades que ocorrem no cenário estudado.

Por se tratar de conceitos mutáveis, a Escola de Copenhague trabalha com o discurso, e através da análise do mesmo é possível responder a diversas questões. Como visto nos capítulos anteriores, o discurso é importante pela

influência construtivista que essa corrente teórica possui. E a partir dos discursos analisados, foi possível comprovar a importância dessa ferramenta nestes estudos. Afinal, as ameaças são construídas a partir do discurso, que pode ou não ser aceito pela audiência.

Os dois países que aqui foram utilizados como exemplos de caso, Irã e China, são países milenares, cujas histórias antecedem o surgimento dos países ocidentais como os conhecemos hoje. Portanto, o Ocidente não foi uma ameaça desde sempre. É importante ressaltar este ponto, pois comprova que os estudos da Escola de Copenhague resultaram como a melhor escolha para analisar este caso, mediante ao fato de que o Ocidente passou a ser uma ameaça recentemente, mais uma vez comprovando que a ameaça é mutável.

A partir de suas experiências individuais, China e Irã iniciaram cada um uma relação conturbada com o Ocidente. Ambos os países queriam impedir que o ocidentalismo invadisse seus territórios eliminando seus valores e culturas. O Ocidente se tornou uma ameaça para que esses Estados permanecessem fortes, e no controle total de sua população. Uma ameaça a sobrevivência de suas culturas como formas dominantes em suas sociedades. Nenhum desses dois governos estaria disposto a ver sua cultura sucumbir diante da influência ocidental.

Porém, a influência ocidental permanecia dentro das fronteiras chinesas e iranianas, e o interesse do governo era aniquilá-las. E alguns dos responsáveis pela ocidentalização dos dois países eram os missionários que tinham origens ocidentais. Ao evangelizar os cidadãos locais, os missionários passavam valores cristãos, que eram distintos dos costumes chineses e iranianos. Os valores cristãos eram considerados como ocidentais, e por isso, repudiados pelos governos dos dois países.

A partir dos capítulos apresentados, é possível afirmar que a hipótese levantada, é verdadeira. Ou seja, os cristãos no Irã e na China são discriminados por serem considerados vetores do Ocidente. Eles vivem uma vida de restrições em seus países, e a grande motivação dos governos em controlar esses grupos de forma tão rígida é porque eles representam o Ocidente dentro de seus países e não pelo fator religião em si. Eles são considerados uma ameaça pelo governo, por trazerem consigo valores ocidentais. Logo, estes grupos minoritários sofrem restrições nos dois países não por motivações religiosas, mas sim por uma

motivação política. O desejo é reprimir quaisquer influências estrangeiras nos dois países.

O caso do Irã, porém, é ainda mais emblemático, pois a presença dos cristãos no país não é apenas fruto de missões ocidentais. Há também pequenos grupos étnicos, como os armênios, assírios e caldeus, que são cristãos e também sofrem restrições severas. Neste caso, percebemos que no caso iraniano a problemática vai além da presença ocidental em seu país, e se estende a todos os estrangeiros que possuem valores distintos a República Islâmica do Irã.

Os dois países, China e Irã, veem a política ocidental de querer expandir seus valores liberais, como os direitos humanos e a democracia, para o resto do mundo, como uma forma de padronizar todos os países. No entanto, chineses e iranianos lutam contra essa padronização, e a favor de que seus valores individuais permaneçam. Os dois países querem ter sua soberania respeitada, e assim poderem decidir o futuro de seu país sem nenhuma interferência estrangeira. O Ocidente representa o estrangeiro como um todo.

Junto aos valores ocidentais, encontra-se os Direitos Humanos. O caso das minorias cristãs nos dois países também pode ser analisado do ponto de vista desses direitos. Para controlar o cristianismo, muitos direitos básicos são violados, o principal deles é obviamente o direito a liberdade de religião. As formas de seguir no cristianismo no Irã e na China podem significar um duro caminho pela frente. Um caminho de interrogatórios, restrições, preconceitos, e até mesmo torturas. Mas o que torna o assunto ainda mais complexo é a universalidade dos direitos humanos discutido no capítulo sobre o mesmo.

As religiões cristãs ficaram associadas ao lado ocidental do globo. Tanto católicos quanto protestantes são facilmente identificados como religiões ocidentais, apesar do cristianismo primitivo ter surgido no Oriente. Com a criação do Estado do Vaticano, a instituição do Papa, os cardeais, entre outros, a Igreja Católica passou a ter uma ligação profunda com o Ocidente. Fazendo com que os países como China e Irã se afastassem ainda mais da ideia de terem cidadãos fiéis de uma religião ocidental.

O protestantismo também surgiu e fincou raízes no Ocidente após a Reforma de Martin Lutero. Com isso, os costumes e valores adotados nas

religiões cristãs, possuem uma clara influência ocidental, afinal, foi no Ocidente que essas religiões cresceram e ganharam forma. Com isso, ao levar esse evangelho a outros países, de culturas distintas, os missionários não levavam em conta as muitas diferenças entre as culturas. Eles ensinavam o cristianismo nos moldes ocidentais com os quais foram ensinados. Isso gerou muitos atritos. Portanto se China e Irã já possuíam política restritas em relação aos estrangeiros que procuravam impor novas culturas no país, com a chegada desses missionários a situação piorou.

Foi a presença de missionários vindos do Ocidente para os dois países que fortaleceu a ideia de que o cristianismo era uma religião ocidental. A partir das atividades missionárias os governos chineses e iranianos passaram a acreditar que a principal missão desses estrangeiros era implantar valores ocidentais, e não evangelizar. Eles acreditavam que esses missionários eram funcionários do Ocidente com o objetivo de penetrar nações mais fechadas a esse modelo.

Dessa forma, o cristianismo se tornou inimigo das duas nações, cada uma a sua maneira. As duas tentaram impedir a presença de cristãos em seus territórios, porém, com o passar do tempo essa missão foi se tornando cada vez mais difícil. Assim, a melhor maneira encontrada era controlar essa religião, para que seu crescimento e sua propagação nos países acontecessem nos moldes dos governos.

Na China foi criada a Igreja Oficial, conhecida como Movimento Patriótico das Três Autonomias. As igrejas cristãs devem buscar se registrarem para seguirem abertas. Seus líderes se tornam funcionários do governo chinês, e tudo que acontece na igreja precisa de aprovação do mesmo. Padres e pastores não possuem autonomia nem sobre seus sermões, que também precisam ser aprovados por um oficial do governo. Dessa forma, o governo da China acredita ter encontrado a melhor maneira de conter a ameaça que é o cristianismo. As igrejas não registradas são fechadas.

No Irã, os cristãos que fazem parte também de minorias étnicas como assírios, caldeus e armênios também passaram a serem controlados pelo governo. Quaisquer atividades que esses grupos pretendam realizar devem ser anunciadas com antecedência ao governo iraniano, que poderá ou não autorizar-las. Além disso, através da Lei da Apostasia um muçulmano iraniano não pode se converter

ao cristianismo. Qualquer pessoa no Irã, pertencente a qualquer grupo étnico pode se tornar um muçulmano, porém o muçulmano jamais pode abandonar sua fé.

Mesmo que de formas distintas, os dois países buscam controlar o crescimento do cristianismo em seus territórios. Este fato por si só, demonstra que o cristianismo é tido como uma ameaça. Uma ameaça ao sistema de governo no Irã e na China. E o principal motivo, é sua ligação com o ocidente, comprovando a hipótese de que o cristianismo é uma ameaça para esses dois países por ser uma representação do Ocidente dentro de seu próprio território. Essa hipótese pode ser comprovada através dos discursos expostos neste trabalho, que demonstram a hostilidade entre os dois países e o Ocidente. Essa relação conturbada acarreta reflexos para os grupos cristãos. Por serem considerados representantes do Ocidente, se tornaram uma ameaça em ambos países, comprovando a hipótese levantada por este trabalho.

Mas se não bastassem esses fatos, os discursos analisados nos mostraram o repúdio que China e Irã nutrem pelos países ocidentais. Sempre demonstrando e enaltecendo suas diferenças latentes entre seus métodos, e os métodos ocidentais, entre seus valores, sua cultura. Os dois países sempre tornam evidente as muitas diferenças que existem entre eles e o mundo do Ocidente, deixando claro suas intenções de não mudarem o rumo de suas políticas para se tornarem mais parecidos com o modelo universal. As diferenças existem, China e Irã as reconhecem, e querem manter-se assim, diferentes do modelo ocidental que visa padronizar o mundo.

Podemos concluir que os grupos minoritários cristãos nos dois países analisados sofrem restrições, que em alguns momentos da história são mais severas, em outros mais brandas, porém não gozam de plena liberdade. E a motivação dessas restrições que o governo impõe, é política, visto que os governos iranianos e chineses querem através dessas restrições, controlar as religiões cristãs que existem em seus países. Isso porque tais religiões são consideradas exponentes do Ocidente. Ou seja, ao permitir cristãos dentro do país, China e Irã estarão permitindo que parte do mundo ocidental também permaneça em seu território.